

*Maria José de Souza Barrem; Carolina Chan Ip;
Orientadora: Zilda Maria Gesueli;*

Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof. Dr. Gabriel Porto” - CEPRE/FCM - SAE-Unicamp
Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, CEP 13083-887, Campinas, SP, Brasil.

Palavras-chave: Letramento - Surdez - Língua de Sinais;

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos a surdez foi concebida somente com base na visão clínico-terapêutica, ou seja, como doença necessitando de reabilitação. Nos dias atuais podemos olhar para a surdez com base na concepção sócio-antropológica, sendo compreendida como diferença lingüística e política¹ a ser respeitada, na qual o sujeito surdo pertence a um grupo minoritário que compartilha uma língua viso-gestual, valores culturais e modos de socialização próprios. Nesta concepção a Língua de Sinais é considerada como a primeira língua a ser adquirida pela criança surda, garantindo seu desenvolvimento cognitivo e linguístico e constituindo-se como elemento identitário dos sujeitos. E a língua oral e escrita, no caso do português, configura-se como segunda língua a ser adquirida. Em decorrência do caráter visual da Língua de Sinais destacamos a importância do letramento visual² (mais especificamente, leitura de imagens) para sujeitos surdos. O Programa Infantil: Linguagem e Surdez do CEPRE/FCM atende crianças surdas em idade escolar que frequentam a escola regular, oferecendo contexto lingüístico para o uso de Língua de Sinais como primeira língua, contando com a participação de professores surdos. Enquanto que o aprendizado do português oral e escrito se dá como ensino de segunda língua por fonoaudiólogos, pedagogos e arte educadores.

Assim, o trabalho do CEPRE caracteriza-se como uma proposta bilíngüe, na qual a atuação com crianças surdas no processo educacional privilegia o uso de duas línguas (a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e a língua majoritária) e garante o reconhecimento da Língua de Sinais como sendo própria do sujeito surdo³. Dessa forma, ao propiciar o encontro criança surda e professor/adulto surdo, a proposta bilíngüe favorece a partilha da LIBRAS, o reconhecimento e legitimação da mesma e a construção da identidade surda.

OBJETIVO

Esta pesquisa visa compreender o papel do professor surdo no processo de letramento de crianças surdas em fase pré-escolar e escolar.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo qualitativo que utiliza como coleta de dados a observação participativa⁴, análise e transcrição de filmagens realizadas no decorrer das atividades do Programa Infantil: Linguagem e Surdez. Participam do programa dois grupos de crianças surdas, com faixa etária entre 6 a 11 anos de idade, matriculados na rede pública de ensino de Campinas e região, com perda auditiva profunda, com exceção de um dos sujeitos que possui perda moderadamente severa. O grupo observado é realizado às terças e quintas-feiras no período vespertino contando com a participação de uma professora surda.

As filmagens puderam ser realizadas mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis. Dessa forma, preservamos a identidade dos sujeitos com a utilização de nomes fictícios, crianças: Aline, Bianca, Juliana, Paulo, Mônica e Tatiana, Professora surda: Rosana; Pedagoga ouvinte: Marcela.

DISCUSSÃO

A partir da observação das filmagens foram realizados recortes de episódios que mostraram a atuação do professor surdo nas atividades propostas para o grupo e a interação criança surda/professor surdo.

Episódio 1

Após assistirem o vídeo da história da “Abelha Chocolateira” as crianças foram convidadas a recontar a história para a pedagoga ouvinte escrever na lousa. O objetivo era mostrar para elas a diferença da história escrita em português e escrita respeitando a estrutura sintática da LIBRAS, dessa forma foram construídos dois textos.

T1 Rosana: (apontando para o texto em LIBRAS) -A- NÃO TEM. EM PORTUGUES TEM -A-

T2 Rosana: (continua no texto em português mostrando cada palavra e traduzindo em datilografia ou em sinais) -A-ABELHA FOI -N -A-ARVORE PEGAR -O -CHOCOLATE

T3 Rosana: OLHAR (professora pede atenção das crianças)
Rosana volta-se para o texto recontado pelas crianças em LIBRAS e mostra que não tem artigos

T4 Rosana: LIBRAS NÃO TEM -A- (aponta o texto em português para mostrar a diferença) **NA** e **O** PORTUGUES TEM. (Rosana volta para a parte da lousa com o texto contado pelas crianças em LIBRAS e aponta para o espaço antes da palavra **CHOCOLATE**) **NÃO TEM -O- VER? DIFERENTE VER? DIFERENTE**

T5 Rosana: DIFERENTE /aponta duas linhas para mostrar que o trecho é maior/ **COMPRIDO PORTUGUES MAIOR. LIBRAS CURTO DIFERENTE OLHAR** (Rosana aponta para o texto contado pelas crianças)

Legenda⁵:

Registros em *itálico* em caixa baixa referem-se à fala;

Registros em CAIXAALTA representam a LIBRAS;

Descrições de ações não-lingüísticas concomitantes aos enunciados são incluídas referências entre (parênteses);

Esclarecimentos quanto ao significado dos enunciados visuo-gestual estão indicados entre /barras/;

Registro de produção escrita pelos sujeitos representados em **negrito**;

Datilografia (alfabeto manual) será representada em letras maiúscula separadas por hífen;

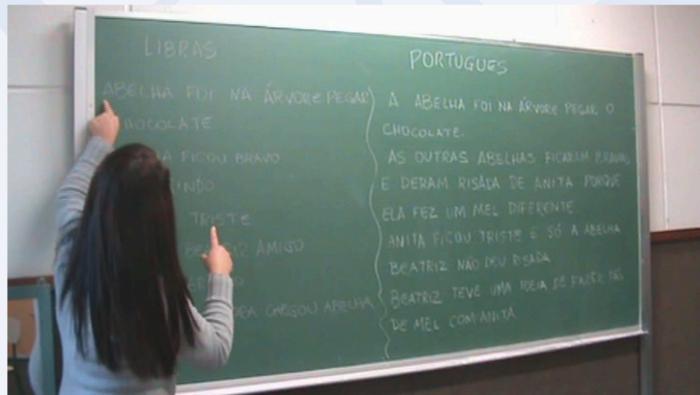


Figura 1 - (Episódio 2 - Professora surda trabalhando com o português escrito)

Neste episódio observamos a atuação da professora surda no processo de letramento das crianças surdas, destacando as diferenças estruturais das duas línguas. A professora surda utiliza a estratégia de comparação entre as duas línguas, sendo que uma é viso-gestual e outra oral-auditiva. Assim, ela utiliza a escrita para diferenciar a estrutura gramatical da LIBRAS da estrutura gramatical do português. Na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) o uso de conectivos, artigos, preposição e flexões verbais se dá no espaço, já no português estes aparecem na oralidade e na escrita.

Dessa forma, ao comparar o texto escrito em português com a sua versão em LIBRAS, a professora faz uso de recursos visuais para destacar as particularidades de cada língua, como podemos observar no turno 4 do dado acima.

Episódio 2

Após apresentação da história “Abelha chocolateira” as crianças conversaram sobre o tema e a professora surda propôs atividade de escrita, na qual seriam trabalhadas as palavras mais frequentes do texto. Nesta atividade, a criança era solicitada a escrever na lousa a palavra que a professora sinalizava.

T1 Rosana: DOCE COMO FAZER CHOCOLATE PALAVRA?

T2 Bianca: (levanta-se e vai até a lousa e começa a escrever) **CHOCO** (ela pára e olha para Rosana)

T3 Rosana: CERTO

T4 Bianca: (continua escrevendo) **CHOCOET** (Bianca olha para Rosana novamente, porém Rosana não dá nenhuma dica, e Bianca olha a palavra que escreveu e finaliza escrevendo) **CHOCOETA**. (Bianca mostra o que escreveu para Rosana) \Bianca levanta os braços\ (inferindo que não tem certeza se está

certo sua produção).

T5 Rosana: \faz sinal de positivo\

T6 Rosana: QUASE CERTO. QUASE CERTO. DE NOVO (Rosana escreve na lousa **CHOCOLATE**) CERTO?

Legenda⁵:

Registros em *itálico* em caixa baixa referem-se à fala;

Registros em CAIXAALTA representam a LIBRAS;

Descrições de ações não-lingüísticas concomitantes aos enunciados são incluídas referências entre (parênteses);

Esclarecimentos quanto ao significado dos enunciados visuo-gestual estão indicados entre /barras/;

Registro de produção escrita pelos sujeitos representados em **negrito**;



Figura 2 - (Episódio 2 - Professora surda interagindo com criança surda)

Neste episódio, podemos observar o quão é relevante a questão dos aspectos visuais para o sujeito surdo no processo de aprendizado da segunda língua. As palavras escritas já haviam sido trabalhadas anteriormente pela professora surda, assim as crianças já haviam tido contato com a escrita e seu significado. No turno 4 nota-se que a criança produz a escrita de chocolate com base no visual, ou seja, não se dá uma relação com base no som da palavra (fonema/grafema). Em decorrência da surdez a criança não leva em conta a sonoridade e realiza uma certa memorização da palavra excluindo a letra “l” e trocando de lugar as letras “a” e “e” (CHOCOETA) o que para ela não modifica o significado.

Já no turno 6 pode-se verificar a intervenção da professora surda, fluente nas duas línguas ela procura mostrar a forma correta da palavra escrita à criança, realizando o sinal e mostrando sua correspondente escrita em português.

CONCLUSÃO

Reconhecendo a linguagem como mediadora, responsável pela leitura/significação de mundo, observamos a importância da interação professor/adulto surdo com a criança surda no processo de letramento desses alunos. Dado que o professor/adulto surdo é o interlocutor privilegiado que partilha a mesma língua da criança é ele quem propicia subsídios para a aquisição de leitura-escrita, a construção da linguagem/subjetividade e consequentemente, da identidade surda.

Compreendemos que o letramento da criança surda acontece com base no aspecto visual da linguagem, daí o importante papel do professor surdo neste contexto de aprendizagem. Assim, o aprendizado da escrita do português pelo aluno surdo se caracteriza como ensino de segunda língua, a qual nem sempre ele fala. Dessa forma, destacamos a importância da intervenção do professor surdo, fluente na LIBRAS e na língua majoritária, o português, evidenciando as diferenças entre as línguas e explicitando para a criança sua condição bilíngüe que demanda a compreensão de duas línguas de modalidades diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In SKLIAR, C. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. 3ª Ed. 1997
- REILY, L.H. As imagens: O lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I.R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z.M Cidadania, Surdez e Linguagem. Ed: Plexus. 2003
- LICHTIG, I. et al. A Relevância da participação de surdos adultos no programa de intervenção em famílias de crianças surdas. In: LICHTIG, I. (Org.). Programa de intervenção fonoaudiológica com famílias de crianças surdas - PIFCS. Carapicuíba (SP): Pró-Fono, 2004b. cap. 2, p. 23-38.
- MINAYO, Maria C. de Souza. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo / Rio de Janeiro: Hucitec/ ABRASCO, 2a Edição, 1993.
- GESUELI, Z.M A criança surda e o conhecimento construído na interlocução de língua de sinais. 1998. 1671 Tese (doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.